

VICTORIANO BRAGA

ESTREMO RECURSO

13
65

VICTORIANO BRAGA

ESTREMO RECURSO

LISBOA

DOIS ACTOS

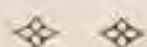
(Genero Guignol)

ANNO DE MCMXIV

Personagens... { MARTHA 30 ANNOS
 JORGE 33 ..

ACTO PRIMEIRO

Uma saleta arranjada com muito gosto, mas sem riqueza. Portas aos lados e ao F. D. que se supõe dar para a escada. Ao F. E. uma janella espaçosa com vidraças e portas interiores de madeira. Uma mesinha pequena, e sobre ella um candeeiro de petroleo com quebra-luz. A' D. um sophá; á E. uma secretária. Na parede do F. um relógio. A scena deve estar illuminada sómente pela luz do candieiro. Fóra, ouvem-se varios pregões, distinguindo-se o de um cauteleiro apregoando o numero 1313.



Ao subir o panno, Martha está dormindo escostada á mesa. Acorda e suspira tristemente. Quer lêr mas, dando mostras de impaciencia, abandona o livro. O relógio dá pausadamente nove horas. Ao terminarem as badaladas, Martha ergue a cabeça e apura o ouvido para o lado da porta do F.; nada ouve. Levanta-se, apaga o candeeiro, vae á janella e abre-a. Manhã de chuva. Estende a mão espalmada para fóra da janella e, retirando-a molhada, limpa-a á saia. Encosta-se á hobreira; o ar frio da manhã, arripia-a; abre a bocca com somno, espreguiça-se olhando a rua; fixa o olhar, debruça-se da janella, e, como certa de que viu quem esperava, fecha pressurosa a vidraça, correndo para a porta do F., sae. Jorge apparece com Martha um instante depois, entrando pela mesma porta.

MARTHA

(Beijando Jorge e ajudando-o a tirar o sobretudo). Como vens molhado, meu amor!

JORGE

Não faz mal...

MARTHA

Faz-te sim, não tens cuidado na saude e és tão fraco! (Jorge senta-se, abatido, escondendo o rosto com as mãos n'um gesto de desespero. Martha, carinhosa, poisando-lhe a mão no hombro). Que tens tu?

JORGE

(Jorge n'um suspiro). Nada.

MARTHA

Perdeste?

JORGE

(Contrariado). Perdi.

MARTHA

Logo calculei!...

JORGE

(Interrompendo, sombrio). Para que esperaste por mim? Toda a noite a pé, coitada!

MARTHA

(Sorrindo). Não gosto de deitar-me, sem tu vires... Está a cama tão fria!

JORGE

(Muito abstracto). Sim?... Está fria?...

MARTHA

(Com energia). Que tens tu?! Fazes favôr de me dizer!

JORGE

(Aborrecido). Que heide ter?!... Já te disse, — perdi!...

MARTHA

Já tens perdido mais vezes e nunca te vi assim!... (Com interesse). Perdeste muito?



JORGE

Muito.

MARTHA

(*Fitando-o com agudeza*). Onde arranjou, o meu amor, dinheiro?... Devias ter pouco, tinhas-me dado para a casa, hontem à tarde...

JORGE

(*Hesitando embaraçado*). Pedi-o... Emprestaram-m'o...

MARTHA

(*Sorrindo incredula, interrompendo*). Pêta!

JORGE

(*Pouco delicado*). Pêta, o quê?!... Como querias então que o arranjasse?! Fazes favor de dizer-me, sim,... como?

MARTHA

(*Um pouco sentida*). Está bem, acabou-se.

JORGE

Que mania essa, a tua, de sempre me desmentires!

MARTHA

(*Ironica*). Desculpas-me, sim?

JORGE

Poupa-me á tua ironia... è favôr!

MARTHA

Pôdes zangar-te, não me convences!

JORGE

Paciencia.

MARTHA

O que te apoquentas, não é só o teres perdido...

JORGE

Seja o que tu quizeres!

MARTHA

Não é — o que eu quizer, é... — a verdade!

JORGE

Se soubesses quanto me desespera esse teu maldito feitio...

MARTHA

Sim... Eu sou muito má! Já o sabia...

JORGE

(*Em tom de conciliação*). Ninguém te chamou má...

MARTHA

(*Sentida, com ironia amarga*). Não!... Qual!... Chamaste-me «bôa!»

JORGE

(*Exaltado*). Pelo amôr de Deus! Não sejas tôla!... Não me irrites mais do que já estou!

MARTHA

Não direi mais nada, mas fica certo: não sou tôla e, o que tens a affligir-te, calculo eu muito bem.

JORGE

(*Vivamente, com dôr*). Oh! Não calculas... (*Como arrependido, n'outro tom*). Tenho... o ter perdido; julgo não ser pouco!

MARTHA

(*Em tom de insinuação*). Nunca foste franco para comigo... que também, ha certas franquezas, que se não podem ter com a mulher...

JORGE

(*Fitando-a*). Que julgas tu? Que te engano?!

MARTHA

Sei lá! Tu è que sabes!...

JORGE

(*Depois d'uma pausa, senta-se, puxando Martha pelos punhos*). Pois bem! Vou dizer-te o que tenho... Ha quinze dias a fio, que jogava no «13», e o «13», sempre a negar-se; quando se me acabava o dinheiro, era certo!... Zás!... Vinha o maldito! Pensei então que, levando mais dinheiro, poderia afrontar o azar, mas não o tinha e foi-me preciso... e tive de o... (*Hesita*).

MARTHA

(*Atalhando*). Que fizeste?

JORGE

(*Embaraçado*). Que fiz?

MARTHA

Sim, onde o arranjaste?

JORGE

Pedi-o...

MARTHA

(*Desconfiada*). A quem?

JORGE

(*Sem encarar Martha*). A um amigo meu.

MARTHA

(Um tanto a medo). Isso é verdade?

JORGE

(N'um impeto de cólera). É de mais! Que martyrio!

MARTHA

(Severamente). Não te exaltes. . Tens devido muitas vezes dinheiro e nunca te mostraste assim, apoquentado...

JORGE

Pois sim, mas d'esta vez, foram cem libras... quanto me emprestaram.

MARTHA

(Com incredulidade). Ó Jorge! Que amigo tinhas tu, que te emprestasse cem libras?!...

JORGE

(Seccamente). A prova que tinha, é que m'as emprestaram...

MARTHA

(N'outro tom). Não fallemos mais no assumpto... Olha, vae tomar banho. D'aqui a pouco são horas de ires para o Banco...

JORGE

(D'olhos espantados). Para o Banco?!...

MARTHA

(Sem olhar para Jorge). Sim! Hoje vaes sem dormir nada! Dás cabo de ti e de mim com esta vida!

JORGE

(Sombrio). Eu hoje, naturalmente, não vou ao Banco...

MARTHA

Não vaes ao Banco... Porquê?!

JORGE

(Depois de longa pausa, mudando de attitude e pegando nas mãos de Martha). Martha! Queres saber toda a verdade?... Queres?... (Com voz surda). Promettes não me desprezar?... Juras-me?

MARTHA

(Séria). Se falláres verdade...

JORGE

(Com dôr). Oh! Martha... És cruel!

MARTHA

Vá, dize lá.

JORGE

(Timidamente). Menti-te ainda agora! O dinheiro, ninguem m'o emprestou... Percebes?... Ninguem!...

MARTHA

(Sem querer perceber). Ninguem t'o emprestou?! (Olhando muito fixamente para Jorge e perturbada). Então?!... (Como percebendo, horrorizada, n'uma exclamação). Ah! (Afastando-se de Jorge, machinalmente). Que fizeste tu, Jorge?!... E foi no Banco?

JORGE

(Dementado). Foi.

MARTHA

(Com voz quasi sumida). Pois tu roubaste as cem libras, Jorge? Tu?... Tu, lad...?!

JORGE

(Com violencia, interrompendo). Sim, ladrão! Nem, ao menos, me poupáste o epitheto! Ladrão! E tu, fôste, sem duvida, uma das causas porque roubei!

MARTHA

(Quebrada, sem força). Eu?!

JORGE

(Como louco). Sim, tu! Com a mania de queres viver n'um pé em que não podíamos! Mas isto acaba-se já e por uma vez! Tens as rendas do teu predio. É pouco, mas para ti só, chega. Não morrerás de fome nem de frio; e eu liquido immediatamente, como devo... como um miseravel que sou!... (Corre á secretária e vae furiosamente a abrir uma gaveta, mas Martha lança-se sobre elle, tolhendo-lhe os movimentos).

MARTHA

(Afflicta, segurando-o sempre). Que vaes fazer?!... Que queres fazer?!... (Fitam-se. Martha supplicante). Não! Peço-te, por Deus!... Perdôa-me! Tu, não mexes no revolver, ouviste!? (Com amor, beijando-lhe as mãos). Eu quero-te muito, Jorge! Muito!...

JORGE

(Aniquilado, abstracto, depois d'uma pausa). Maldito azar!... Maldito numero! Oh! Se eu tenho feito outro jogo... o meu antigo jogo... (Ainda antes de Jorge acabar a ultima palavra, ouve-se um pregão de cauteleiro: — «Cá está o 1313! Quem me compra os dois trezes! Quem me compra um decimo, que anda hoje a roda» — Repete as vezes necessarias. Jorge erguendo-se com impeto). Ouves?!... Ouves?!...

MARTHA

(Sem perceber). O quê?!

JORGE

O cauteleiro apregoando o mil trezentos e treze!...

MARTHA

(Sem querer perceber). Sim, mas que tem isso?

JORGE

(Acanhado). Se eu...?

MARTHA

Se tu... o quê?! Ainda queres...? ainda tens ânimo?...

JORGE

Ainda! Será a ultima vez! *(Procura dinheiro por todas as algibeiras e achando uns tostões, caminha para a porta do F., sae e volta pouco depois trazendo na mão um decimo de bilhete da loteria. Martha, enquanto Jorge se ausenta, parece tomar uma resolução. Jorge, guardando o decimo)*. É o meu unico... o meu ultimo recurso! Agora, espere-mos a hora!

MARTHA

Mas isso não chega a ser um expediente! É uma loucura ter esperança.

JORGE

Sim... é uma loucura ter esperança... *(Esperançado)*. Mas ás vezes... *(Desanimado)*. Qual!...

MARTHA

Ha talvez um meio de nos salvarmos n'este momento...

JORGE

Como?

MARTHA

Empenhando as...

JORGE

(Interrompendo). Empenhando as tuas joias?

MARTHA

Sim ou vendendo-as.

JORGE

Pois tu queres...?

MARTHA

Quero tudo menos este martyrio!

JORGE

Mas as tuas joias pouco valem a não ser...

MARTHA

A pulseira que era de minha mãe?

JORGE

Sim, essa...

MARTHA

Pois vendel-a-hei.

JORGE

Martha! És uma santa!

MARTHA

Muito tua amiga...

JORGE

Creio que essa joia deve valer bastante.

MARTHA

Dizia minha mãe que sim, nunca a avaliei... *(Vae a uma gaveta buscar as joias)*.

JORGE

Se nunca pensáste em a vender!

MARTHA

Aqui estão. Vou eu mesmo tratar d'isto para que te não veja na rua alguem do Banco e assim não possas dar como desculpa que estás doente.

JORGE

(Pensativo). Pois sim... *(Tirando a pulseira das mãos de Martha e observando-a)*.

MARTHA

Valerá bastante?

JORGE

(Dissimulando a sua incredulidade sobre o valor da joia). Sim!... Deve valer...

MARTHA

Então, nada de tristezas!... Um beijo e... *(Intencional)*. A chave da gaveta da secretária... Vá, dá-m'a cá...

JORGE

(Fingindo que não pôde tirar a chave da corrente). Está presa, e para te dar o mólho das chaves pôde alguma d'ellas fazer-me falta... Vae descançada.

MARTHA

Não quero! Dá-me a chave... Enquanto a tiras da corrente, vou-me arranjar... *(Sae E. A.)*.

JORGE

(Emquanto Martha está ausente, dirige-se á secretária, e mesmo de pé abre a gaveta e tira o revolver que guarda rapidamente no bolso das calças. Torna a fechar a gaveta, afasta-se da secretária e continúa fingindo dificuldade em tirar a chave. Martha vem prompta para sahir e só então Jorge, desprende a chave do mólho). Aqui está a chave.